

Este livro resulta da compilação de textos selecionados, de entre 140 comunicações apresentadas na ESECS.IPL – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, nos dias 20 e 21 de outubro de 2022, no XXXIV Congresso Internacional da SIPS (Sociedade Iberoamericana de Pedagogia Social) e 10.ª Conferência de Mediação Intercultural e Intervenção Social, realizados conjuntamente. Os textos foram aprofundados, para esta publicação, e cruzam dois domínios simultaneamente distintos, mas, também, simultaneamente 'irmãos' na intervenção social empoderadora: a Mediação Intercultural e a Pedagogia Social.

A Pedagogia Social, enquanto ciência matriz quer da Educação Social, quer da Animação Sociocultural, quer mesmo do Serviço Social moderno, aponta para tudo menos para o assistencialismo e para a caridade, na pretensa ajuda aos outros. Pelo contrário, alimenta profissões caracterizadas pela relação social de proximidade onde a escuta ativa, a comunicação, no seu sentido lato, a empatia e o partir do outro para a construção da sua própria autonomização são fundamentais. Inevitavelmente, a Pedagogia Social desemboca nessas profissões, não raras vezes, através da Mediação Intercultural (enquanto paradigma essencialmente preventivo, transformador e socioeducativo), onde o interventor, ao contrário da mediação clássica, é tudo menos neutro e imparcial. O Pedagogo Social tem intenções de mudança, o que implica uma (trans)formação de si, da visão sobre si próprio e da visão sobre os outros.

Edições
Afrontamento
www.edicoesafrontamento.pt

ISBN 978-972-36-2029-0



9 789723 620290

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.



Teoria e Prática da Pedagogia Social,
da Mediação Intercultural e da Intervenção Social

Ricardo Vieira, Victoria Pérez de Guzmán,
José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira,
Cristóvão Margarido, Rui Matos e Rui Santos (orgs.)

Ricardo Vieira, Victoria Pérez de Guzmán
José Carlos Marques, Pedro Silva,
Ana Maria Vieira, Cristóvão Margarido,
Rui Matos e Rui Santos (orgs.)

TEORIA E PRÁTICA DA PEDAGOGIA SOCIAL, DA MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E DA INTERVENÇÃO SOCIAL



Ricardo Vieira, Victoria Pérez de Guzmán,
José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira,
Cristóvão Margarido, Rui Matos e Rui Santos
(Orgs.)

TEORIA E PRÁTICA DA PEDAGOGIA SOCIAL, DA MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E DA INTERVENÇÃO SOCIAL



Edições Afrontamento

Título: Teoria e Prática da Pedagogia Social, da Mediação Intercultural e da Intervenção Social

Organizadores: Ricardo Vieira, Victoria Pérez de Guzmán, José Carlos Marques, Pedro Silva,
Ana Maria Vieira, Cristóvão Margarido, Rui Matos e Rui Santos

© 2023, Organizadores e Edições Afrontamento

Revisão: Ana Arqueiro

Capa: Edições Afrontamento / Departamento gráfico

Edição: Edições Afrontamento, Lda.

Rua de Santa Catarina, 895, 2.º D.º – 4000-455 – Porto

www.edicoesafrontamento.pt/comercial@edicoesafrontamento.pt

Colecção: Textos / 197

N.º edição: 2212

ISBN: 978-972-36-2029-0

Depósito legal: 523577/23

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
Comercial@companhiadasartes.pt

Setembro de 2023

Este livro foi objeto de avaliação científica.

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

ÍNDICE

Introdução	7
Capítulo 1	13
Epistemologia, mediação intercultural e pedagogia social <i>Ricardo Vieira, Ana Maria Vieira</i>	
Capítulo 2	25
Cultura y subjetividad desde la perspectiva de la pedagogía social. Modelos conceptuales de la mediación intercultural educativa <i>Rosa Marí Ytarte, Roberto Moreno López, Rut Barranco Barroso</i>	
Capítulo 3	37
La mediación intercultural metodología de intervención social: más allá de la gestión de conflictos <i>María Carmen Quesada Muñoz</i>	
Capítulo 4	49
La mediación intercultural, una herramienta socioeducativa para la prevención y el cambio social <i>José Alberto Gallardo López</i>	
Capítulo 5	61
Processos e dimensões subjetivas e objetivas da construção da identidade profissional da educação social <i>Fátima Correia, Germán Vargas Callejas, Paulo Delgado</i>	
Capítulo 6	77
Processos de mediação intrapessoal através da fotografia e videografia terapêutica – pedagogias da convivência, narrativas e <i>mindsets</i> <i>Pedro Queirós Pinto, Ricardo Vieira</i>	
Capítulo 7	95
A “questão cigana” e a mediação intercultural <i>Micaela Lopes, Ana Maria Vieira</i>	

Capítulo 8	115
Da intervenção social intercultural no concelho de Leiria: diferentes respostas mediadoras <i>Joana Matias, Ricardo Vieira</i>	
Capítulo 9	129
Programa de promoção de competências socioemocionais em contexto escolar <i>Ana Salomé de Jesus, Ricardo Pocinho, Cristóvão Margarido, Eva María Torrecilla Sánchez</i>	
Capítulo 10	143
Formación en violencia de género, de profesionales que participan en el Programa CaixaProinfancia, en la Región de Murcia <i>Alicia González Caparrós, Encarna Bas Peña</i>	
Capítulo 11	155
<i>Clown</i> e intervenciones socioeducativas. Desarrollo de sentidos, imaginación, pensamiento y emociones <i>Mauricio Durán, Xavier Úcar</i>	
Capítulo 12	165
Circo social, escola, pedagogia social e mediação intercultural <i>Rodolfo Correia, Ricardo Vieira</i>	
Capítulo 13	179
Actividades de ocio en personas mayores. Una revisión sistémica <i>María Rosa Méndez Macías, Victoria Pérez de Guzmán, Rocío Cárdenas Rodríguez</i>	
Capítulo 14	201
Investigación-acción en escuelas de segunda oportunidad. Hacia una orientación comprometida con la justicia social <i>Soledad Romero Rodríguez, Victoria Pérez de Guzmán, Montserrat Vargas Vergara</i>	
Capítulo 15	215
Incidentes críticos, reflexividade, mediação interpessoal e intercultural na escolha da educação social como caminho profissional <i>Ana Maria Vieira, Ricardo Vieira, José Carlos Marques</i>	
Sobre os Autores	225
Sobre os Organizadores	233

INTRODUÇÃO

O XXXIV Congresso Internacional da SIPS (Sociedade Iberoamericana de Pedagogia Social) e a 10.^a Conferência de Mediação Intercultural e Intervenção Social, realizados conjuntamente na ESECS.IPL – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, nos dias 20 e 21 de outubro de 2022, cruzaram dois domínios simultaneamente distintos, mas, também, simultaneamente ‘irmãos’ na intervenção social empoderadora: a Mediação Intercultural e a Pedagogia Social.

Há, ainda, uma grande lacuna de estudos sobre a relação da Pedagogia Social e, em parte, de todas as profissões sociais com a Mediação Intercultural que aposta no interventor que age dialogando, negociando, [mediando], empoderando, autonomizando, com práticas sempre de natureza relacional, no trabalho com sujeitos que pensam sobre si e sobre os outros e não com pessoas tantas vezes transformadas em objetos por parte do profissional social.

A Pedagogia Social, enquanto ciência matriz quer da Educação Social, quer da Animação Sociocultural, quer mesmo do Serviço Social moderno, aponta para tudo menos para o assistencialismo e para a caridade na pretensa ajuda aos outros. Pelo contrário, alimenta profissões caracterizadas pela relação social de proximidade onde a escuta ativa, a comunicação no seu sentido lato, a empatia e o partir do outro para a construção da sua própria autonomização são fundamentais. Inevitavelmente, a Pedagogia Social desemboca nessas profissões, não raras vezes, através da Mediação Intercultural (enquanto paradigma essencialmente preventivo, transformador e socioeducativo) onde o interventor, ao contrário da mediação clássica, é tudo menos neutro. É tudo menos imparcial, como se procurará discutir e refletir

CAPÍTULO 15

INCIDENTES CRÍTICOS, REFLEXIVIDADE, MEDIAÇÃO INTERPESSOAL E INTERCULTURAL NA ESCOLHA DA EDUCAÇÃO SOCIAL COMO CAMINHO PROFISSIONAL

Ana Maria Vieira, Ricardo Vieira, José Carlos Marques

Introdução

Este texto resulta de uma investigação em curso em Portugal, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria (ESECS.IPLeiria) e CICS.NOVA.IPLeiria, que se intitula “Educadores sociais em Portugal: quem são, onde estão e o que fazem? Identidades e transformações”. Em termos gerais, o projeto tem como objetivos fundamentais: aprofundar os estudos sobre a emergência da profissão de Educação Social (ES) em Portugal; compreender a construção do profissional da ES nas várias instituições de Ensino Superior; caracterizar os profissionais de ES em termos de idade, género, experiência profissional e áreas de intervenção; mapear os locais de trabalho onde atuam os educadores sociais; identificar redes de colaboração entre educadores sociais e outros profissionais do trabalho social; compreender as ligações entre as trajetórias sociais e as motivações para a ES; compreender a influência do ensino superior e o peso do currículo oculto na construção do educador social; conhecer processos de mediação intercultural e intrapessoal responsáveis pela transformação identitária e pela (re)construção de projetos de vida.

Neste texto, damos conta da análise de alguns casos, assente em entrevistas exploratórias de natureza biográfica e em autobiografias de educadores sociais no final da trajetória académica – o projeto contempla escuta ativa no início e também no final, (trans)formação de que só poderemos dar conta no seu término.

Pretendemos, assim, contribuir para uma primeira aproximação à construção/reconstrução do eu profissional que envereda pela Educação/Pedagogia

Social, tentando compreender os incidentes críticos, reflexividade e mediação intrapessoal e intercultural que contribuem para a definição da autoidentidade dos educadores sociais aqui em estudo.

Metodologicamente, recorreremos, essencialmente, às próprias palavras dos educadores, ao jeito de Oscar Lewis (1970), um antropólogo americano que se celebrou, em termos metodológicos, por fazer antropologia urbana cruzada com a literatura, usando as vozes dos próprios sujeitos que entrevistou. *Os Filhos de Sánchez* é uma das muitas obras que Lewis (1970) produziu com quase todos os membros desta família. Fê-lo de um modo inovador, dando voz aos próprios sujeitos das suas investigações, tornando-os assim autores e coautores da pesquisa. As biografias cruzadas são uma das várias inovações metodológicas que nos deixou. No nosso caso, estamos a recorrer às reflexões autobiográficas sobre a entrada no curso de Educação Social e a construção do eu profissional de hoje, intercaladas com escassas interpretações para evitar uma espécie de tradução cultural.

Gaston Pineau e Jean-Louis Le Grand (1993) afirmam que as práticas de “histórias de vida” são muito variadas. Questionam as novidades para que estas práticas remetam: se para a sede humana do saber e do poder; se para a própria vida; se para as Ciências Humanas; se para a intervenção social; se para a autoformação dos atores sociais; se para uma arte de construir conhecimento, ou de governar. A problemática inscreve-se, assim, por um lado, na questão de saber se traduzir a vida em palavras é uma ilusão ou uma revolução na construção do saber científico; por outro lado, como começá-la e como terminá-la. A problemática das histórias de vida é trabalhada por estes autores como processo de pesquisa e construção de sentido, a partir de factos temporais pessoais.

Em síntese, procuraremos, aqui, apresentar essencialmente o ponto de vista do outro, na busca de uma auto-hermenêutica (Geertz, 1989) destes profissionais da intervenção socioeducativa entre as aprendizagens da escola da vida e as aprendizagens da vida na escola. Como refere Dominicé (1992), “a vida, tal como a sala de aula, são espaços de aprendizagem e não se trata de colocar em oposição um e outro, mas de os situar na sua complementaridade” (p. 7).

António Nóvoa (2002), uma das principais referências portuguesas nos estudos biográficos, diz, no prefácio a um livro de Josso (2002), outra das grandes referências francófonas desta epistemologia de investigação, que “o seu contributo principal passa pela definição de histórias de vida como metodologia de investigação-formação, isto é, como metodologia onde a pessoa é,

simultaneamente, objecto e sujeito de formação” (p. 10). Nas próprias palavras de Christine Josso (2002), “os processos de formação dão-se a conhecer pelo ponto de vista do aprendente, em interacções com outras subjectividades” (p. 28).

Sujeitos e análise casuística

Analizamos, de seguida, aspetos de três sujeitos que integram o estudo já apresentado. Usamos subtítulos retirados das próprias vozes dos entrevistados, que servem, simultaneamente, de síntese da ideia central veiculada e explorada e de breve conclusão (Bourdieu, 1993), ainda que provisória, sobre o ponto de vista dos entrevistados em redor da reflexão sobre “quem eu era; quem sou; quem quero ser enquanto profissional”.

Os nomes usados (Maria, Joana, Isabel), que exploramos nos casos seguintes, são, por razões de sigilo e de proteção da identidade objetiva dos estudantes, fictícios. Também por razões éticas, optamos por não referir o nome das instituições de ensino superior frequentadas pelos sujeitos.

A entrada no ensino superior – Dúvidas quanto ao prosseguimento de estudos e quanto à área: o caso de Maria

Para Maria, a Educação Social surgiu como segunda opção. Maria queria ser professora do ensino básico. Contudo, como já tinha estudado num CTeSP (Curso Técnico Superior Profissional) da área da intervenção social, a ambivalência vivida aquando da saída dos resultados da colocação no ensino superior foi facilmente ultrapassada e começou um caminho de identificação com uma outra via de ingresso na educação: a Educação Social. Maria resolveu aceitar e prosseguir esses estudos. Ao fim de três anos, quando é colocada a refletir sobre essas encruzilhadas do projeto futuro (Vieira, 1999), recorda essas dúvidas e incidentes críticos como formadores da sua cidadania e identidade pessoal e profissional (Josso, 2002; Kaufmann, 2003; Vieira, 1999).

Efetivamente, a Educação Social não era propriamente um ideário de militância nem uma questão de ‘vocação’. Surgiu como segunda opção, mas veio a transformar-se num projeto para si e para continuar a estudar no ensino superior, desfazendo uma dúvida que estava instalada:

A minha entrada no ensino superior não foi esperada, pois não tinha a certeza se queria continuar a estudar, mas não deixei de entregar a minha candidatura. Quando recebi o telefonema a dizer que tinha entrado na licenciatura de Educação Social, não queria acreditar. Por um lado, fiquei feliz; por outro, fiquei na dúvida, porque tinha arranjado trabalho na área que queria, pois frequentara um curso técnico . . . de acompanhamento de crianças e jovens, o que me deu ferramentas para uma intervenção mais prática na área social. A minha primeira escolha para entrar numa licenciatura não era o curso de Educação Social, mas sim Educação Básica. Contudo, devido a escolhas pessoais, o meu caminho académico mudou de rumo. . . Nesta minha candidatura não entrei na minha primeira opção, e por isso acabei por ficar em Educação Social.

Efetivamente, as identidades, tal como são pensadas contemporaneamente, não remetem para um bloco uniforme e homogéneo, quer se trate de uma pessoa, de um grupo ou de uma comunidade. As identidades “constituem formas sociais de construção das individualidades” (Dubar, 1991, p. 264). O indivíduo passa a ser visto como

um processo mutável, apanhado numa confusão de forças contraditórias... É preciso, assim, continuar a compreender o indivíduo enquanto processo e enquanto confusão de forças contraditórias. Durante uma socialização, o indivíduo não está num papel que lhe permaneceria exterior. Interioriza, realmente, esquemas de pensamento e de acção. Este fragmento de sociedade interiorizada está, neste instante, no centro da sua definição mais pessoal. Os esquemas interiorizados reconfiguram o património de hábitos e as arbitragens entre redes cognitivas, tecem laços com segmentos de reflexividade social. (Kaufmann, 2003, p. 243)

No caso da Maria, há um incidente crítico marcante (Josso, 2002; Kaufmann, 2003; Vieira, 1999) para a adoção da Educação Social como caminho a percorrer:

Durante o 2.º ano deparei-me com uma situação, mais uma colega, quando estávamos a passear pela cidade de [...]. Encontrámos uma pessoa sem-abrigo a tocar no meio da rua. Decidimos ir falar com ela. Reparámos que era estrangeiro e que só falava inglês, mas isso não foi um fator de impedimento para gerar uma boa conversa. Questionámos a razão de ele viver nas condições em que vivia e a resposta foi que não se adaptava ao sistema, à forma como o país está estruturado. . . . Entretanto, perguntámos se já tinha ido a algum centro de ação social ou uma casa de acolhimento para as pessoas em situação de sem-abrigo e a resposta foi que já tinha passado por uma em [...] e que fora maltratado. Então isso gerou um sentimento de desespero e desilusão, pois eram os únicos locais que o podiam ajudar e não o trataram com o devido respeito.

A narrativa da Maria não explora as transformações ocorridas nas representações sobre a profissão de educador social, mas evidencia bem a força de determinados incidentes como formativos e despoletadores de consciência crítica e motivação para a intervenção social e socioeducativa.

Na vida de cada sujeito há acontecimentos críticos, momentos que estimulam o pensamento, que fazem pensar duas e três vezes antes de escolher um caminho específico. A metodologia das histórias de vida permite reconstruir alguns desses momentos, por vezes, particularmente dramáticos, onde se estimula, constrói e reconstrói a capacidade de reflexão sobre os quotidianos, e que leva a opções e a tomadas de posição por vezes feitas em contextos de grande conflito intelectual e emocional. (Vieira, 1999, p. 341)

Nestes momentos, os sujeitos ficam, por vezes, perdidos, tal é a dúvida que se instala ou, pelo contrário, extremamente motivados para empreender mudanças e acreditar nas transformações pessoais e sociais, bem como na capacidade de cada cidadão para esse efeito, e, no caso de Maria, para ver a profissão de Educação Social como potenciadora de mudanças para um acoelhimento mais hospitaleiro e para uma integração mais plural e inclusiva.

Ingressar no Ensino Superior? Em que curso? Da trajetória da Joana

Continuar, ou não, os estudos no ensino superior estava a tornar-se num dilema para a Joana:

Quando me candidatei à universidade estava um pouco hesitante, uma vez que queria fazer uma pausa de um ano para trabalhar e juntar algum dinheiro e pensar para que curso queria ir, visto que me sentia ainda um pouco insegura do que realmente queria para a minha vida futura. No entanto, e após algumas conversas intensas com a minha mãe, . . . decidi, quase na data-limite das inscrições, concorrer à universidade. Após a tomada desta decisão veio a parte que considero mais difícil: a escolha do curso. Queria algo que gostasse e, sendo que trabalho, desde os 16 anos, com público, na área da restauração, decidi eleger o curso de Educação Social. . . . Na altura suscitou-me algum interesse, pelo conceito do social, associando social a pessoas e a sociedade. E foi aí que pensei: “É este que vou escolher”. Na altura da inscrição, disse à minha mãe que . . . se conseguisse entrar, iria agarrar esta oportunidade ‘com unhas e dentes’ e, se não conseguisse entrar, iria então fazer uma pausa de um ano para poder trabalhar e meter as minhas ideias no lugar.

Joana não sabia ao certo qual o conteúdo exato da profissão de educador social. Não sabia o que fazia, concretamente, um educador social. “Mas nin-

guém nasce ensinado, não é verdade?”. Passados três anos de formação no ensino superior, Joana refere:

percebo a importância enorme que o educador social tem na nossa sociedade, sendo que este é um profissional promotor de competências, que trabalha com o indivíduo com o objetivo de o (re)integrar na sociedade, educando o sujeito a aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e, principalmente, a aprender a ser.

Joana afirma diversas vezes, na sua autorreflexão, que a Educação Social, afinal de contas, deveria constituir uma aprendizagem para todos:

Ao longo destes últimos anos, sinto que mudei bastante não só comigo mesma, mas também para com as outras pessoas. A Educação Social faz-nos ter outro olhar perante a sociedade, outro olhar perante o mundo e, principalmente, perante o outro/próximo. Sinto que passei a respeitar mais as pessoas à minha volta, que aprendi a ouvir o outro antes de recorrer a qualquer tipo de julgamento, e isso é muito bom, faz-nos crescer muito enquanto pessoas. . . . considero que a Educação Social deveria ser uma disciplina dada a toda a nossa sociedade, mesmo que de forma breve, uma vez que acredito que esta mudaria muitas mentalidades e formas de ver determinados acontecimentos e atitudes.

Joana defende mesmo, como vimos, a inserção de uma disciplina de Educação Social no ensino básico e secundário, o que, de alguma forma, corresponde ao que poderia ser feito na Educação para a Cidadania e, de forma transdisciplinar, na Formação Pessoal e Social determinada pela Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986.

Da dúvida e indecisão quanto ao futuro: o caso de Isabel

Para Isabel, a entrada na licenciatura em Educação Social acabou por ser fruto de uma escolha quase aleatória. O estágio que tinha realizado num curso de natureza profissionalizante, um CTeSP (Curso Técnico Superior Profissional) terá fornecido ingredientes para buscar uma porta de entrada na Educação Social como realização pessoal e profissional.

Quando integrei um curso profissional comecei a destacar-me porque gostava, os professores convidavam-me para participar em atividades de voluntariado, ligados à área do desporto e da gestão desportiva, que ainda hoje é uma área de que gosto muito. Nesse momento, a minha relação com a escola mudou, sentia-me muito

motivada em poder aplicar aquilo que ia aprendendo ao longo do curso. Curiosamente, foi numa dessas atividades que senti o primeiro *click* para a Educação Social, apesar de não saber bem o que era isso. Fomos fazer uma atividade com pessoas com deficiência. Enquanto alguns participantes estavam a fazer canoagem, eu tinha que ficar com o restante grupo a fazer atividades improvisadas em terra. Efetivamente, senti que aquilo era o que gostava de fazer, que provavelmente tinha uma sensibilidade especial para públicos mais vulneráveis e que o meu caminho não passava pelos ginásios. Lembro-me perfeitamente, quando a atividade terminou, de dizer à minha amiga que esta atividade tinha sido especial para mim e que me sentira muito feliz a dinamizá-la.

A entrada de Isabel na licenciatura em Educação Social acabou por ser fruto de uma escolha quase aleatória, embora marcada pela ideia de que não gostaria, futuramente, de fazer uma vida profissional sentada numa secretária.

Era o último dia que tinha para me inscrever e não tinha muito tempo para pensar. Então, optei por seguir o meu instinto; mesmo sem saber no que me estava a meter, algo me disse que o caminho era aquele. . . . O facto é que fui aceite em duas licenciaturas, e aí não tive dúvidas que era a Educação Social que preferia, mesmo sem saber o que era efetivamente.

Refletindo sobre a trajetória desses três anos de formação na licenciatura em Educação Social, Isabel assume que algumas disciplinas do 1.º ano foram decisivas na rutura com o senso-comum sobre as pré-noções relativas à profissão de educador social e alimentaram a consciência da complexidade da profissão. Iniciou-se o trabalho pedagógico de rutura com a representação paliativa do trabalho social e a consciência de que a pedagogia social é apoiada numa mediação intercultural, como teoria e prática da intervenção socioeducativa, muito antes do “final da linha”, muito antes de o “rio chegar à foz com as águas poluídas” (Vieira & Vieira, 2016):

No primeiro ano, especialmente nas aulas de Introdução às Ciências Sociais e de Introdução à Educação Social, comecei a ficar fascinada e a perceber realmente o que era a Educação Social e a sua complexidade. Essas duas Unidades Curriculares romperam com o meu senso-comum e fizeram-me chegar à conclusão que trabalhar com pessoas não é assim tão simples como eu pensava. Achava que ia encontrar uma solução para trabalhar e hoje sei que não há soluções, porque cada pessoa tem as suas particularidades e que não é por ser de determinado grupo étnico, por exemplo, que se tem de adotar determinado tipo de postura. Temos de adaptar-nos a todas as pessoas porque todas são diferentes, e as diferenças não são só deficiências nem etnias. As pessoas são muito distintas.

Passados três anos sobre o início do curso, vimos, assim, como duas disciplinas constituem momentos significativos e de vivência de momentos e incidentes críticos geradores de reflexividade. Esses momentos são reconhecidos como formativos, pois continuam bem presentes e marcantes quanto à rutura com o senso-comum iniciada desde então, no tocante ao social como objeto de estudo e à intervenção socioeducativa como processo teórico-prático que rompe com o existencialismo e busca a mediação intercultural através da escuta ativa e do ponto de vista do outro para a construção da sua própria autonomia e cidadania:

Antes reagia 'a quente' e tinha uma solução para tudo muito rapidamente. Hoje ponho muitas coisas em cima da mesa e penso no impacto dessa decisão em mim, mas também no impacto que pode ter nos outros. Aprendi essencialmente a ouvir os outros e a considerá-los, e muitas vezes a mudar a minha opinião, o que antes era muito difícil de acontecer. O que penso que me vai ajudar imenso não só a nível pessoal, mas também profissional, visto que irei trabalhar com diversos profissionais, com visões distintas sobre as coisas, e que os meus olhos de educadora social não são melhores que os do assistente social ou psicólogo, mas que os nossos olhos em conjunto terão um maior impacto, e possivelmente mais positivo, do que apenas os meus, daí a importância do trabalho multidisciplinar. . . . Dessas aulas saía sempre a pensar. Desconstruí muitos preconceitos que tinha na minha cabeça. . . . Recordo-me de, nos intervalos, após essas aulas, muitas pessoas da turma estarem a debater o que tinha sido dito, umas com opiniões muito contrárias às que o professor dava e outras muito defensoras das teorias apresentadas nas aulas. . . . Recordo o seminário com o professor convidado [...], da Universidade de [...], num dos ciclos de conferências em Educação Social: a Educação Social é algo que se tem de sentir, é uma forma de vida, e o diploma não nos faz educadores sociais, apenas nos certifica. Percebo que o educador social não é capaz de sair do seu trabalho e deixar de o ser, porque a Educação Social, mais que uma profissão, é uma forma de estar na vida.

Algumas conclusões

Os depoimentos biográficos aqui analisados mostram as dúvidas que os licenciados em Educação Social tiveram aquando da entrada no ensino superior. Mostram, também, que, após três anos de licenciatura, a definição de educador social continua vaga e muito próxima da animação sociocultural, ainda que distinta, discursivamente, em relação ao serviço social. Nestes depoimentos, os licenciados refletem sobre a sua história de vida, sobre momentos e pessoas críticas ao longo da sua trajetória social, e reconhecem professores marcantes na rutura com o seu senso-comum sobre a intervenção

socioeducativa e alguns incidentes críticos que levaram a que, ainda que com muitas dúvidas no final do curso, tenham hoje um posicionamento mais consolidado sobre o que é a profissão do educador social e as necessárias competências de mediação intercultural e intrapessoal para trabalhar com o outro na sua autotransformação e empoderamento.

Apesar de se sentirem 'transformados', os sujeitos dos casos biográficos de que damos aqui conta parecem sentir-se, ainda, algo confusos, pesem embora as imensas leituras feitas, estágios e trabalho de terreno realizados e participação em diversos seminários e conferências da área socioeducativa. Sublinham que, embora teoria e prática andem de mãos dadas, a falta de experiência prática lhes cria dúvidas e indefinições sobre o contributo e trabalho efetivo que poderão dar/realizar nesta área de intervenção, o que nos parece fazer parte das dúvidas de qualquer licenciado antes de mergulhar profundamente nos terrenos que farão parte do seu trabalho futuro.

Uma das jovens licenciadas em Educação Social termina uma das suas reflexões autobiográficas escrevendo uma frase que nos parece paradigmática: "Neste sentido, talvez fosse interessante que esta reflexão não acabasse aqui e continuasse a ser escrita ao longo da minha experiência profissional".

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, P. (Dir.). (1993). *La misère du monde*. Seuil.
- DOMINICÉ, P. (1992). *L'histoire de vie comme processus de formation*. L' Harmattan.
- DUBAR, C. (1991). *La socialization. Constructions des identités sociales et professionnelles*. Armand Colin.
- GEERTZ, C. (1989). *A interpretação de culturas*. Guanabara.
- JOSSO, M. C. (2002). *Experiências de vida e formação*. Educa.
- KAUFMANN, J. C. (2003). *Ego. Para uma sociologia do indivíduo*. Instituto Piaget.
- LEWIS, O. (1970). *Os filhos de Sánchez*. Moraes Editora.
- NÓVOA, A. (2002). Prefácio. In C. Josso, *Experiências de vida e formação* (pp. 7-12). Educa.
- PINEAU, G., & Le Grand, J. L. (1993). *Les histoires de vie*. PUF.
- VIEIRA, A. M., & Vieira, R. (2016). *Pedagogia social, mediação intercultural e (trans)formações*. Profedições.
- VIEIRA, R. (1999). *Histórias de vida e identidades*. Edições Afrontamento.